

TABULEIRO DE LETRAS

RESENHA

Pedagogia do silenciamento: a escola brasileira e o ensino de língua materna,
de Celso Ferrarezi Jr. Parábola Editorial, 2014.

Karine Correia dos Santos de Oliveira¹

O livro *Pedagogia do silenciamento: a escola brasileira e o ensino de língua materna*, de Celso Ferrarezi Jr., é um texto que expõe abertamente alguns dos problemas envolvidos com algumas maneiras de trabalhar, na escola e na sala de aula de língua materna, as habilidades de falar, ouvir, ler e escrever. Alguns passos ligados ao que o autor denomina “pedagogia da comunicação” são apontados. Para isso, diversas pesquisas foram feitas, com alunos e professores, além de mais de trinta anos de magistério. Dizeres de alunos e professores podem ser facilmente imaginados e recuperados, pois são abordados com uma sensibilidade de quem realmente sente as dificuldades das condições físicas das escolas, dos péssimos salários dos professores, da repetição dos conteúdos, do excesso de carga horária de trabalho, entre outros. A temática do silenciamento é, sem dúvida, central. O silêncio grita na escola, um silêncio protagonizado, de diversas formas, pelos formadores e pelos alunos. O silêncio daquele aluno que não entende, mas não se manifesta; daquele que dorme na aula, porque trabalhou o dia inteiro e do professor que vê isso; daquele que “não consegue colocar as ideias no papel”; daquele que “lê e não entende nada”, daquele professor que se angustia ao querer resolver as dificuldades singulares etc. Diante desse cenário, o excesso de barulho também pode ser uma forma de amenizar o incômodo causado por saberes estranhos e não apropriados, uma nova forma de fechamento para o outro, por meio da rotina exagerada que imobiliza. A concepção de formação humana do autor é explicitada em:

□

¹ Doutoranda em Linguística no Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). karineletras@yahoo.com.br

Gosto da ideia de uma “homo communicans” no sentido de um homem que sabe algo e que consegue expressar esse algo que sabe na mesma medida em que consegue ampliar o que sabe, porque é hábil em relação a aprender aquilo que os outros lhe comunicam. (p. 68).

Celso Ferrarezi Jr. é formado em Letras Português/Inglês pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR), mestre em Linguística – Semântica pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), doutor em Linguística – Semântica pela UNIR e fez pós-doutorado em Semântica pela UNICAMP. Atualmente é professor associado da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Semântica, atuando principalmente nos seguintes temas: semântica, educação, alfabetização, descrição e teoria linguística. Na Amazônia, fez carreira como professor, a partir dos 16 anos, quando terminou o curso de magistério. Trabalhou em todas as séries básicas (da Alfabetização ao Ensino Médio), com povos indígenas, seringueiros e ribeirinhos, em escolas urbanas, no sistema federal de universidades e em programas de formação de professores.

A obra organiza-se em quatro capítulos com inúmeros subtítulos. A capa e a contracapa são ilustradas com desenhos de três crianças tampando os ouvidos, a boca e os olhos, assim como desenhos muito divulgados em murais de redes sociais nos quais sujeitos, com diferentes intencionalidades, se autodenominam “cegos, mudos e surdos”. Tais imagens apenas sinalizam a reflexão aprofundada que o autor faz sobre o silenciamento nas escolas, ao longo do livro.

No primeiro capítulo, “O silêncio dos pecadores”, encontra-se um estudo histórico da educação, desde antes de Cristo. A herança cristã já pregava uma atitude de submissão e aceitação (sem compreensão!) de uma ordem, sem questionamentos, mesmo diante dos fantasmas da existência. A formação laica, no Brasil, introduzida no período militar, não promoveu mudanças significativas nesse cenário autoritário. A alteração da disciplina língua portuguesa para comunicação e expressão, segundo Ferrarezi, não mudou a estrutura das aulas conteudistas e que pouco consideravam da bagagem cultural do alunado. Qualquer discussão era uma subversão. Assim como muitas atitudes de alunos. O professor conta diversas histórias de como a criatividade dos alunos não era aproveitada nas aulas, as quais focalizavam essencialmente a apreensão de regras. Em sala de aula, os alunos criavam (e ainda criam!) mecanismos de interação: os bilhetinhos, os olhares, os barulhos, a técnica de ir até a lixeira para levantar e

conversar com os colegas, entre outros. O curioso é que, mesmo diante de tantas críticas aos seus professores de comunicação e expressão, Ferrarezi, assim como eu, escolheu ser professor por admirar um determinado professor de Português. A imagem positiva do professor aparece em “Existem bons professores, professores que tentam ser barulhentos em suas escolas.” (p. 27). Sobre os livros didáticos, o professor faz um desabafo:

Aliás, pouca coisa mais absurda existe na educação deste país do que dizer que os livros didáticos distribuídos em nossas escolas estão adaptados aos PCN. Os PCN representam um “grito pelo barulho”, nossos livros didáticos são a voz onipresente do silêncio! (p. 28).

É claro que os livros didáticos não funcionam sozinhos. O autor se refere a uma prática de trabalho com esses materiais em que o cronograma precisa sempre ser seguido à risca, mesmo diante de dificuldades de aprendizagem, aos exercícios repetitivos, à falta de outras opções de materiais, à ausência de propostas de exercícios totalmente elaborados pelo professor, enfim, por inúmeros entraves. Cada livro didático mereceria um estudo voltado para críticas específicas, com certeza. Pesquisas voltadas para os livros didáticos possibilitam escolhas mais produtivas para o ensino. Só que o foco da crítica de Ferrarezi é a não importância ao direito de liberdade e direito de expressão nas escolas. Nessa linha de raciocínio os PCN propõem:

A sociedade brasileira demanda uma educação de qualidade, que garanta as aprendizagens essenciais para a formação de cidadãos autônomos, críticos e participativos, capazes de atuar com competência, dignidade e responsabilidade na sociedade em que vivem e na qual esperam ver atendidas suas necessidades individuais, sociais, políticas e econômicas (p. 21).

Com isso, eu concordo e muito, sem pensar que esse seja um problema de fácil resolução. Trata-se de algo complexo também ligado ao hermetismo dos currículos repetitivos, (re) pensados pelas escolas e pelos professores. Assusta saber que muitos conteúdos, em Língua Portuguesa, são estudados no Ensino Fundamental I, repetidos no Ensino Fundamental II e até no Ensino Médio. E o critério da subjetividade? É outro problema que merece atenção. Quando eu estava no quinto ano do Ensino Fundamental, havia um professor de Matemática que nunca chamava os alunos pelo nome, apenas por “zé” e “maria”. Eram inúmeros os motivos, mas isso me incomodava. Exemplos como esse, que podem ser mais ou menos importantes, dependendo

da situação, em sala de aula, são detalhadamente explorados pelo professor, que recorda, em diversas passagens, sua época de aluno no Ensino Fundamental.

Ferrarezi, no segundo capítulo, “Uma tentativa de mudança”, a LDB 9394/96 e os PCN são considerados documentos que representam um marco importante para o ensino de Língua Portuguesa. Apesar disso, ainda significa um desafio a apropriação desses documentos por muitas escolas e professores. O pesquisador ministrou vários cursos sobre a proposta de um novo currículo e diz ter enfrentado inúmeras dificuldades: falta de comprometimento de estados e municípios com a proposta do governo, professores que pensavam não lhes dizer respeito a (re) elaboração do currículo, dificuldades de entendimento dos PCN e dificuldades com diretores que se negavam a consultar os pais. Por fim, também faltaram acompanhamento e investimentos em debates por parte do MEC (novamente, o discurso da falta!), visando ao cumprimento das leis federais sobre a mudança do currículo da disciplina. O autor reproduz as vinte e oito metas do governo, em 2007, para a educação. Entretanto, não explora as avaliações nacionais de qualidade da educação. Buarque (2007), citado pelo autor resenhado, também reclama da falta de compromisso com a educação, direcionando seu dizer à comunidade escolar.

Na sequência, com o seu terceiro capítulo, “As quatro habilidades básicas da comunicação na sala de aula”, Ferrarezi defende ser imprescindível, para a formação de sujeitos aptos a se comunicarem, em diferentes instâncias sociais, a integração das habilidades de ler, escrever, falar e ouvir. A interdisciplinaridade dessas habilidades não pode ser esquecida e necessita de esforços para a elaboração de atividades voltadas para cada uma delas, nas diferentes disciplinas da formação escolar.

No quarto e último capítulo, “A urgência da mudança”, Ferrarezi comenta vários textos de alunos, considerando o que o professor solicitou e o que foi realizado. Verificou muitas dificuldades em expressar ideias e, quase em todos os casos, os textos dos terceiro, quarto e quinto anos do Ensino Fundamental I eram ininteligíveis. Alunos que, apesar de frequentarem a escola, não aprenderam a ouvir e, muito menos, a expressar suas próprias reflexões. Diante dessa realidade, a conclusão não poderia ser outra:

Não conseguiremos mudar nosso atual estágio de subdesenvolvimento escolar com “açõezinhas-do-bem”: precisamos de uma revolução! (p. 106).

Uma revolução na educação, nos currículos, nas prioridades do ensino, nas avaliações, nas atividades de sala e na estrutura de cada escola. Essa é uma luta de cada comunidade escolar. (FREIRE, 2005). Outra preocupação é pensar a escola em sua realidade, sem prejudicar seu andamento devido a questões que não estão envolvidas pela sistemática dos processos de ensino e aprendizagem. A proposta que ele faz é de que

[...] uma escola pensada sob a ótica de uma pedagogia da comunicação será uma escola aberta para a vida: uma escola em que a vida penetra invariavelmente (p. 108).

Essa proposta é muito semelhante à interação verbal, sob a perspectiva dos gêneros discursivos bakhtinianos. Uma responsabilização do sujeito inserido em grupos socialmente organizados. A integração da escola com a comunidade não pode ocorrer sem limites. O próprio PCN explica isso:

A educação escolar deve constituir-se em uma ajuda intencional, sistemática, planejada e continuada para crianças, adolescentes e jovens durante um período contínuo e extensivo de tempo, diferindo de processos educativos que ocorrem em outras instâncias, como na família, no trabalho, na mídia, no lazer e nos demais espaços de construção de conhecimentos e valores para o convívio social. (p. 42).

Se a escola servir para tudo, ela também correrá o risco de perder o foco dos seus objetivos, organização e identidade, o que também vale para o projeto de ensino do professor de Português.

O livro *Pedagogia do silenciamento: a escola brasileira e o ensino de língua materna* é um texto que expõe vários desafios ligados a busca por formações mais autônomas e menos silenciosas. Aprender é entender o outro, mas sob o meu prisma também, pois ninguém vive sozinho, nem os autores dos conteúdos estudados e nem os estudantes. (BAKHTIN, 2003). Hoje, a perspectiva de ascensão social, por meio dos estudos e do trabalho, no Brasil, segundo os PCN, aumentou. Entretanto, muito ainda necessita ser alterado, considerando os incômodos recuperados por meio da leitura da obra resenhada e os grandes números de repetência e evasão, ainda existentes, no país. As respostas aos problemas que o autor delimita e que foram recuperadas nesta resenha, não podem ser rápidas e muito menos se pautarem no que deve ou

deveria ser feito apenas, mas frutos de estratégias de ensino pensadas pelo professor, junto com seu grupo de trabalho e em pesquisas voltadas para as práticas de ensino e para as diversas formas de aprendizagem.

Referências

BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In.: **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261 a 335.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução**. Brasília: MEC/SEF.

BUARQUE, Cristóvão. **Crematório de cérebros**. O Globo, 27/10/2007.

FERRAREZI Jr., Celso. **Pedagogia do silenciamento: a escola brasileira e o ensino de língua materna**. 1ª. ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 41. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

Recebido em: 08 de junho de 2015.
Aceito em: 22 de novembro de 2015.